

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

VANESSA SILVA OLIVEIRA

Um controverso capítulo da *Shoah*: História e memória da atuação do *Sonderkommando* nos testemunhos de judeus em Auschwitz-Birkenau.

São Cristóvão - SE

2024

VANESSA SILVA OLIVEIRA

Um controverso capítulo da *Shoah*: História e memória da atuação do *Sonderkommando*
nos testemunhos de judeus em Auschwitz-Birkenau.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de Sergipe
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Natália Abreu
Damasceno.

São Cristóvão - SE

2024

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar o que dizem os principais relatos testemunhais dos judeus que compuseram o *Sonderkommando* de Auschwitz-Birkenau. Para tanto, nos debruçaremos sobre nossas fontes privilegiadas: os livros *Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás* (2010); *We wept without tears: testimonies of the Jewish Sonderkommando from Auschwitz* (2005); e *Briefe Aus der Hölle: Die Aufzeichnungen des Jüdischen Sonderkommandos Auschwitz* (2019); em paralelo ao diálogo com uma bibliografia que discute a relação entre História e memória, e a importância da literatura testemunhal para a historiografia da *Shoah*. Através dos testemunhos desses judeus, identificamos que os *Sonderkommandos* foram prisioneiros que atuavam como agentes apagadores de uma futura memória da *Shoah*, sendo designados pelos nazistas para encobrir os vestígios cometidos nesse campo de concentração.

Palavras-chave: Sonderkommando. Auschwitz. Shoah. Memória. Testemunho.

ABSTRACT

This article aims to analyze what the main testimonial reports of the Jews who made up the Auschwitz-Birkenau Sonderkommando say. To do so, we will look into our privileged sources: at the books *Sonderkommando: in the hell of the gas chambers* (2010); *We wept without tears: testimonies of the Jewish Sonderkommando from Auschwitz* (2005); and *Letters From Hell: The Records of the Jewish Sonderkommando Auschwitz* (2019); in parallel to the dialogue with a bibliography that discusses the relationship between History and memory, and the importance of testimonial literature for the historiography of the Shoah. Through the testimonies of these Jews, we identify that the Sonderkommandos were prisoners who acted as agents to erase a future memory of the Shoah, designated by the Nazis to cover up the traces committed in this concentration camp.

Key words: Sonderkommando. Auschwitz. Shoah. Memory. Testimony

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Jeová, o Deus que me sustentou durante todo esse processo e está me ajudando a realizar esse sonho da graduação numa Universidade Federal. O caminho percorrido até aqui não foi fácil, morar sozinha em outro Estado, a solidão longe de casa, família e amigos foram alguns dos empecilhos enfrentados. Entretanto, “Eis que Deus é o meu ajudador; o SENHOR é quem me sustenta a vida.” (Salmos 54:4).

Gostaria também de externalizar meu amor e gratidão a minha família, na figura dos meus pais Lucivânia e Elenaldo, minha irmã Vivia e meus avós Raimunda e Leonardo, que nunca descreditaram da minha capacidade e me deram todo apoio necessário nessa jornada. Em especial, gostaria de lembrar a minha vovó Josefina, que mesmo não estando mais presente fisicamente desde 2020, antes de partir, chorou comigo ao receber a notícia de que eu havia sido aprovada na UFS.

Agradeço também por todo apoio, incentivo e compreensão do meu melhor amigo e noivo James, que desde o início da graduação se fez presente e idealizou comigo o sonho de tornar-me professora de História.

Além disso, agradeço imensamente à minha orientadora Natália Abreu Damasceno, por todo incentivo, ajuda, paciência e compreensão. Sem seus comentários e contribuições, este trabalho com certeza não estaria de pé. Suas aulas e discussões de História Contemporânea com certeza marcaram minha graduação, com os temas que mais gosto e me fizeram escolher essa profissão.

Não poderia deixar de citar meus amigos e companheiros de curso Suelen Costa, Rodrigo Correia, Rita Mirrayne, Stefany Pimenta, Marcílio e Carol Wanús, que de alguma forma tornaram essa caminhada mais leve e divertida. E aos meus amigos e vizinhos Renato e Ribeiro, que compartilharam comigo as delícias e dores de ser estudante e morar sozinha em outro Estado. Além de Maurício, uma amizade que fiz na UFS e que com certeza, será para toda vida.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	7
2.	SHOAH, MEMÓRIA E TESTEMUNHO.....	13
3.	O TRABALHO, A REVOLTA.....	18
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5.	REFERÊNCIAS.....	25
6.	FONTES.....	27

1. INTRODUÇÃO

Em 2024, completa-se 79 anos da libertação de Auschwitz pelo exército soviético. O Holocausto, também chamado pelo povo judeu de *Shoah*¹, foi o genocídio de mais de seis milhões de pessoas perpetrado pela Alemanha nazista. Conforme amplamente abordado pela historiografia, o nazismo apoiava-se em discursos de ódio que motivaram a perseguição e o extermínio de minorias, sobretudo do povo judeu, mas também de ciganos, negros, eslavos, homossexuais e testemunhas de Jeová. No contexto da política racial do Terceiro *Reich*, foram construídos, desde 1933, inúmeros campos de concentração espalhados por diversas regiões da Europa, a fim de escravizar e/ou eliminar seus prisioneiros. Entre os mais conhecidos estão os de Bergen-Belsen, Treblinka, Sobibór, Dachau, Mauthausen e Auschwitz-Birkenau, o mais famoso, e do qual, de acordo com Eva Schloss (2018), os nazistas tinham muito orgulho. Fundado em 1940 no sul da Polônia, Auschwitz-Birkenau era a “menina dos olhos” dentre todos os outros campos de concentração (SCHLOSS, 2018).

Tamanho orgulho pode ser atribuído ao fato de que tratava-se de um vasto complexo de exploração de trabalho e extermínio, composto por mais de 40 campos separados e quatro fornos crematórios que queimavam diariamente, entre 1942 e o final de 1944, os restos mortais daqueles que eram considerados os inimigos da Alemanha. Além disso, Auschwitz-Birkenau era dotado de uma área industrial, onde a fábrica química *IG Farben* apoderava-se da abundante mão de obra escrava dos prisioneiros na fabricação do *Zyklon B*² – ironicamente, o veneno utilizado nas câmaras de gás -, de borracha e óleo sintético, trazendo lucros ao Terceiro *Reich*. Situado na pequena cidade de Oświęcim, cerca de 160 quilômetros a sudoeste de Varsóvia, o mais letal campo de concentração foi comandado por Rudolf Hoess entre maio de 1940 e dezembro de 1943 (HOESS, 2023).

É válido ressaltar que o principal propósito do encarceramento de pessoas em

¹ Palavra hebraica que significa “destruição, ruína, catástrofe”. Já “Holocausto” vem do grego e tem conotação bíblica, faz referência a um sacrifício ou oferenda com fogo. Ambos os termos são utilizados para denominar o extermínio de mais de seis milhões de judeus e outras minorias, conduzido pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Segundo Leila Danziger (2007) a expressão *Shoah* passou a ser mais utilizada após dar título ao filme do cineasta francês *Claude Lanzmann*, no ano de 1985, o que explicaria o fato da palavra ser mais conhecida na França, enquanto Holocausto é usado com maior frequência nos Estados Unidos e Brasil. Ainda de acordo com a autora, após a guerra, os judeus sobreviventes também chegaram a usar a palavra grega *Churban* para representar a destruição de seu povo, mas esta acabou caindo em desuso.

² Pesticida usado para matar ratos e insetos, que ao entrar em contato com o ar, transforma-se num gás mortal. Utilizado pelos nazistas como uma forma de extermínio rápida e em massa por asfixia. De acordo com Shlomo Venezia (2010), as pessoas morriam num curto período de dez ou 12 minutos.

Auschwitz era o extermínio generalizado, porém, prisioneiros considerados “aptos” eram submetidos ao trabalho forçado. Em sua maioria, esses trabalhadores eram homens adultos. Já crianças, idosos, mulheres grávidas e doentes eram considerados inaptos e tinham, comumente, a câmara de gás como destino final. Tal qual consta em muitos testemunhos eternizados na memória coletiva por meio de filmes, da literatura e dos museus do Holocausto espalhados por várias cidades do mundo³, os escolhidos para o trabalho tinham seus cabelos raspados e eram tatuados com um número no braço, perdendo, a partir desse momento, seu nome e identidade pessoal, pois esse número passava a ser sua única identificação. Segundo Eva Schloss (2018), os prisioneiros podiam exercer diversas tarefas em Auschwitz, desde trabalhos manuais, como na produção de munições alemãs, separando roupas nos armazéns conhecidos como Canadá⁴, ou até atuar em unidades de trabalho mais precisas, como os *Kapos*⁵, por exemplo.

Entretanto, nesta pesquisa, interessa-nos um tipo específico de função designada às vítimas desse campo: aquela atribuída ao *Sonderkommando*. O grupo chamado de *Sonderkommando* ou, em português, “Comando Especial”, era constituído, de acordo com Primo Levi (2004), em sua maior parte por judeus que tinham que fazer o “trabalho sujo” de encaminhar outros prisioneiros, majoritariamente também judeus, às câmaras de gás, cremar e se livrar das cinzas e restos mortais de seus cadáveres. Ainda segundo o autor, até havia criminosos não judeus como russos e poloneses nesse

³ Com o fim da Segunda Guerra (1939-1945), foram construídos museus em diferentes cidades do mundo com o objetivo de preservar a memória do Holocausto. Assim, objetos, documentos e fotografias que retratam este acontecimento histórico podem ser encontrados em museus e exposições em diferentes países como Estados Unidos, Holanda, Itália e Polônia, onde fica o campo de Auschwitz, que passou a funcionar como museu a partir de 1947. No Brasil, temos o Museu do Holocausto de Curitiba (PR), fundado em 2011, o Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto em São Paulo (SP), criado em 2017, e o Memorial do Holocausto no Rio de Janeiro (RJ), recém-inaugurado em 2023, por exemplo. Além disso, cabe ressaltar que existe atualmente uma abundante produção cultural literária e cinematográfica acerca do tema, filmes como *A vida é bela* (1997), dirigido por Roberto Benigni; *O menino do pijama listrado* (2008), dirigido por Mark Herman; *A lista de Schindler* (1993), dirigido por Steven Spielberg e *O pianista* (2002), dirigido por Roman Polanski, são exemplos de famosas produções cinematográficas que abordam a perseguição e o assassinato do povo judeu na Shoah, disponíveis em plataformas digitais de fácil acesso, como a *Netflix* e *Prime video*, por exemplo. Na literatura, também existe uma grande variedade de escritos famosos sobre o assunto que comovem seus leitores, como *O diário de Anne Frank* (1947); *Maus* (1986); *A menina que roubava livros* (2005) e *Uma estrela na escuridão* (2018), de Gabriel Davi Pierin, que conta a história de Andor Stern, único brasileiro sobrevivente ao Holocausto.

⁴ De acordo com Shlomo Venezia (2010), era um setor no interior de Auschwitz em que os pertences dos judeus deportados eram estocados e selecionados, também chamado de *Effektenlager* ou *Kanada II*, pelos nazistas.

⁵ Eva Schloss (2018) afirma que os *Kapos* eram prisioneiros que a SS usava para administrar os campos. Também chamados de *Blockältester*, Shlomo Venezia (2010) os define como responsáveis pela ordem nos barracões, eram geralmente criminosos alemães ou poloneses, retratados como violentos. Segundo relatos, os *Kapos* recebiam maior quantidade de comida, roupas melhores, acesso a mulheres e outras regalias.

Esquadrão, mas não faziam quase nada e agiam mais como *Kapos*. Nesse sentido, Shlomo Venezia (2010) escreve:

[...] todos os homens trabalhando no Sonderkommando eram judeus. As únicas exceções, até onde sei, foram alguns prisioneiros de guerra soviéticos, enviados ao nosso crematório. Mas não trabalhavam, eu, ao menos, nunca os vi trabalhar. Se contentavam em pegar o que podiam nas roupas das vítimas. (VENEZIA, 2010, p. 111).

Por executarem esse macabro trabalho, os *Sonderkommandos* ficavam em galpões separados dos demais, pois conheciam de perto como funcionava a aniquilação na fábrica de morte nazista. Por isso, eram também conhecidos por *Geheimnistrager* - “portadores de segredos”, em português. Primo Levi (2004) afirma que a concepção e a organização desse esquadrão foi o delito mais demoníaco do nacional-socialismo.

Este artigo se propõe a analisar a atuação dos judeus que formavam o *Sonderkommando* de Auschwitz. A partir de seus principais relatos testemunhais reunidos por historiadores especialistas na temática, entendemos ser possível levar em consideração os papéis de agentes e testemunhas diretas do extermínio do povo judeu performados por esses indivíduos, de modo a compreender as suas memórias como narrativas capazes de contribuir para uma historiografia da *Shoah* que contemple uma diversidade de experiências e níveis de debate. Além disso, entendemos que as tarefas exercidas por esses sujeitos tinham a finalidade de eliminar ou camuflar os crimes e assassinatos cometidos pelos nazistas nos campos de concentração.

Dada a importância desse contexto histórico, compreende-se que o tema do Holocausto se faz presente na nossa sociedade através de diversos meios, como filmes, livros e até histórias em quadrinhos, é um tema bastante discutido. Entretanto, a figura dos *Sonderkommandos* ainda é pouco trabalhada, tanto na indústria de entretenimento, onde o filme *O filho de Saul* (2015) dirigido por László Nemes, por exemplo, é uma das poucas obras cinematográficas que retratam a essência das atividades realizadas por esses prisioneiros, quanto no campo acadêmico, levando em consideração a notável escassez de pesquisas brasileiras por exemplo, que discutam o papel e a existência dessas pessoas em Auschwitz. Tal hesitação da historiografia a respeito desse tema pode ser explicada, em parte, devido à pouca disponibilidade de fontes documentais em português. Em sua maioria, os documentos relativos a esse tema estão apenas em inglês, italiano, alemão ou grego. É o caso de duas de nossas três fontes privilegiadas, traduzidas apenas para a língua inglesa e alemã.

Além disso, é notável que no nosso meio social ainda se fazem presentes

discursos nazistas, constatável nos dados publicados em 2021 pela Agência Senado⁶, por exemplo, que afirma que a apologia ao nazismo tem crescido no país desde 2019. Dessa forma, entendemos que um aprofundamento acerca da existência do *Sonderkommando* e sua macabra tarefa envolvendo cadáveres e restos mortais daqueles considerados inferiores pelo nazismo, pode auxiliar na assimilação do quão cruel foi esse regime, e que perpetuar seus ideais não é um comportamento socialmente correto. Além disso, sabemos que é crime.

Assim, com vistas a esboçar uma contribuição para o campo da análise historiográfica das memórias do Holocausto judeu, o presente trabalho debruçou-se sobre a seguinte questão central: O que dizem os principais testemunhos de judeus que compuseram o *Sonderkommando* de Auschwitz-Birkenau? O itinerário da busca por uma resposta satisfatória a essa pergunta tem como objetivo geral investigar a atuação do *Sonderkommando* através dos principais relatos testemunhais dos judeus que formavam essa unidade de trabalho neste campo, no período de 1942, quando inaugurou-se a primeira câmara de gás, até 1945, ano da libertação. No que diz respeito aos objetivos específicos, elencamos: 1. discutir a importância de relatos testemunhais para a historiografia do Holocausto mediante o exame de obras de memórias de ex-*Sonderkommandos* coordenadas por historiadores especialistas no assunto; 2. analisar nos testemunhos desses judeus, seus papéis de encobridores dos crimes cometidos pelos nazistas no campo de Auschwitz. Nesse sentido, parte-se da hipótese de que os *Sonderkommandos* foram prisioneiros judeus designados pelos nazistas para apagar a memória do genocídio da sua própria etnia.

Diante disso, esta pesquisa é de caráter descritivo e produz uma análise de nossas três fontes privilegiadas que serão discutidas a seguir. Estas, são obras de memória que reúnem testemunhos escritos e/ou orais de ex-*Sonderkommandos* organizados por historiadores especialistas no Holocausto. Em paralelo, examinamos algumas outras fontes secundárias, selecionadas numa revisão bibliográfica de material já publicado acerca do tema, que nos auxilia a promover uma discussão sobre a importância da memória e testemunho dessas vítimas na historiografia da *Shoah*. Dentre elas, estão os livros *O que resta de Auschwitz* (2008); *É isto um homem?* (1988); *Os afogados e os sobreviventes* (2004); *A memória, a história, o esquecimento* (2007);

⁶ Reportagem de Ricardo Westin publicada pela Agência Senado em 13 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/08/confundida-com-liberdade-de-expressao-apologia-ao-nazismo-cresce-no-brasil-a-partir-de-2019> . Acesso em 13 de março de 2024.

Holocausto e memória (2020); e os artigos *O trabalho e a morte em Auschwitz* (2015); *Testemunho da Shoah e literatura* (2009); *A trans-memória das imagens, sentir o tempo e inquietar-se: o caso Sonderkommando* (2018); *Narradores melancólicos: literatura testemunhal e a construção de uma memória* (2008); *Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas* (2008); *Auschwitz: história e memória* (2000); entre outros.

Nossa primeira fonte privilegiada é o livro *Sonderkommando: Dans l'enfer des chambres a gaz*⁷. Publicado originalmente em italiano em 2007, traz o testemunho de Shlomo Venezia (1923-2012), judeu grego que compôs o Comando Especial de Auschwitz em 1944. A entrevista foi coordenada pela jornalista francesa Béatrice Prasquier, realizada em Roma, na Itália, entre 13 de abril e 21 de maio de 2006 e contou com a colaboração dos historiadores italianos Marcello Pezzetti (1953), especialista no Holocausto e Umberto Gentiloni (1968), que em seus estudos, dedica-se à história política e contemporânea.

Nossa segunda fonte é o livro *We wept without tears: testimonies of the Jewish Sonderkommando from Auschwitz*.⁸ Publicado originalmente em hebraico em 1995, foi traduzido para o inglês em 2005 e até o momento não tem tradução para o português. Escrita por Gideon Greif (1951), renomado historiador israelense e especialista no Holocausto e em Auschwitz, a obra reúne entrevistas com ex-*Sonderkommandos* que relatam suas experiências, entre eles, estão: *Josef Sackar, os irmão Abraham e Shlomo Dragon, Yakov Gabai, Shaul Chazan, Leon Cohen*, entre outros.

Outra fonte privilegiada essencial para auxiliar nossa análise foi o livro *Briefe Aus der Hölle: Die Aufzeichnungen des Jüdischen Sonderkommandos Auschwitz*⁹. Publicado em 2019 pelo geógrafo e historiador russo Pavel Marcovich Polian (1952), a obra reúne algumas das nossas fontes primárias, documentos encontrados entre 1945 e 1980 sob o solo de Auschwitz. Os manuscritos são textos produzidos por homens do *Sonderkommando*, que enterraram seus testemunhos próximo aos crematórios com o intuito de que pudessem ser encontrados e lidos pela geração futura. Assim, estão reunidos os relatos de *Zalmen Gradowski, Marcel Nadjari, Chaim Herman, Zalmen*

⁷ Traduzido para o português no ano de 2010 pela Editora Objetiva, sob o título: “Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás”.

⁸ Em tradução livre para o português: “Choramos sem lágrimas: testemunhos do *Sonderkommando* judeu de Auschwitz.”

⁹ Em tradução livre para o português: “Cartas do inferno: os registros do *Sonderkommando* judeu de Auschwitz.”

Lewental e *Lajb Langfus*, escritos originalmente em grego e iídiche¹⁰ e traduzidos para o polonês, inglês, hebraico moderno, russo e alemão. Devido à umidade do solo e à ação do tempo, esses manuscritos apresentavam trechos ilegíveis, restaurados por Pavel Polian em 2017, que contou com a ajuda de Alexander Nikityaev, um jovem especialista em computação da cidade russa de Tula. (PAVEL, 2019).

A escolha de tais obras, que constituem o corpus documental dessa pesquisa se faz por darem voz às testemunhas diretas do plano de extermínio do povo judeu: o *Sonderkommando*. Diretamente envolvidos na fábrica de morte, foram usados pelos nazistas para camuflar os vestígios dos assassinatos cometidos nas câmaras de gás. Entretanto, através de entrevistas e a análise de documentos escritos por esses homens e presentes nessas obras, as vítimas dessa unidade de trabalho podem dar seus testemunhos e revelar detalhes do macabro plano nazista de aniquilação judaica. Dessa maneira, para interpretar nossas fontes, articulamos o debate entre História e memória. Cabe ressaltar que esse debate é trabalhado pelos historiadores franceses Jacques Le Goff (1924-2014) e Paul Ricoeur (1913-2005), já a relação entre memória e Holocausto aparece nos estudos de outros autores como os brasileiros Márcio Seligmann-Silva (1960) e Marcos Guterman (1968).

De acordo com Paul Ricoeur (2007, p.40), “não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou.” Dessa forma, cabe salientar que este trabalho analisa a memória enquanto um campo político de disputa, posto que como portadores dos segredos dos crimes nazistas, o *Sonderkommando*, por meio de seus relatos, revelam o que aconteceu, os detalhes dos assassinatos empreendidos na *Shoah* e lutam para que suas histórias não sejam esquecidas.

Diante do exposto, delinearemos um breve roteiro de estudo sob qual este artigo foi estruturado. Nesta pesquisa, a análise das fontes está organizada em dois eixos. No primeiro, abordaremos uma discussão entre a relação entre a História e a memória, e a relevância de obras de cunho testemunhal para a historiografia da *Shoah*. Por fim, no segundo e último eixo, exploraremos as análises ao redor das funções exercidas por esses prisioneiros em Auschwitz, os detalhes e a finalidade das atividades às quais eram designados, e buscaremos analisar através de seus testemunhos como se deu a chamada Revolta do *Sonderkommando*, a fim de buscarmos compreender como estes homens se rebelaram contra o ofício que lhes foi imposto.

¹⁰ Língua indo-europeia pertencente ao subgrupo germânico, adotada por judeus na Europa Central e Oriental, no segundo milênio. A escreviam usando caracteres hebraicos.

2. SHOAH, MEMÓRIA E TESTEMUNHO

De acordo com Eric Hobsbawm (1995), dentre as catástrofes que marcaram o breve século XX, está o Holocausto. Na introdução do emblemático *A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*, dentre as doze personalidades mencionadas no mosaico construído por Hobsbawm com o intuito de convidar seus leitores a experimentarem a sombria atmosfera do século XX, encontra-se Primo Levi. Levi (1919-1987), um judeu italiano que foi conhecido por ter sobrevivido a Auschwitz, além de ter escrito livros relatando suas experiências no *lager*¹¹. Ao citá-lo, Eric Hobsbawm reverencia a importância do seu testemunho da *Shoah* na História da barbárie dos novecentos. Nesta pesquisa, tal posicionamento de Hobsbawm é endossado e reforçado, na medida em que visamos lançar luz não só sobre Levi, mas também sobre os relatos de outros sobreviventes como ele.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), timidamente, outros sobreviventes também passaram a escrever e publicar suas experiências nos cárceres nazistas. Cabe aqui destacar que Primo Levi foi um dos pioneiros. Sua célebre obra *É isto um homem?* veio a público em 1947, apenas dois anos após o fim da guerra, por exemplo. Para Giorgio Agamben, “Um tipo perfeito de testemunha é Primo Levi. Quando volta para casa, entre os homens, conta sem parar a todos o que lhe coube viver.” (AGAMBEN, 2008, p.26). Entretanto, de maneira geral foram poucas as obras publicadas nas primeiras décadas após a libertação, posto que as vítimas buscavam reconstruir suas vidas longe do horror dos campos, e escrever ou falar sobre o que viveram era uma forma de relembrar o trauma. Nesse sentido, o italiano Shlomo Venezia, que fez parte do *Sonderkommando* de Auschwitz em 1944, escreveu:

[...] dar o testemunho representa um enorme sacrifício. Reaviva um sofrimento lancinante que nunca me abandona. Tudo corre bem e, de repente, fico desesperado. Assim que pressinto alguma alegria, algo em mim se bloqueia imediatamente. É como um mal interior, chamo isso “doença dos sobreviventes”. Nada a ver com tifo, tuberculose ou outras doenças contraídas. É algo que mina o interior e destrói qualquer sensação de alegria. Carrego isso desde aquele tempo de sofrimento no campo. Essa doença nunca permite um momento de alegria ou de descontração, é um fluido que permanentemente corrói minhas forças. (VENEZIA, 2010, p.174).

Além disso, as pessoas chocavam-se ao saber das barbaridades cometidas pelos alemães e os testemunhos acabavam muitas vezes, sendo vistos até com descrédito.

¹¹ *Lager* é um termo alemão que indica campos de concentração. Significa “campo” e “armazém”. Aparece com frequência nas obras de Primo Levi.

Nesse sentido, cabe destacar que apesar de serem aliados da historiografia, os relatos testemunhais acabam até os dias de hoje, sendo abordados muitas vezes como instrumentos sujeitos a contradição, posto que estão entrelaçados à memória, e esta, é passível de esquecimentos e subjetividades. Em relação aos testemunhos das vítimas do Holocausto, Marcos Guterman (2020) afirma que suas lembranças podem ser confundidas, pois, muitas ainda eram crianças ou muito jovens quando frequentaram os *lager*, e além disso, acabaram tendo suas memórias minadas por traumas, dores ou culpas das experiências vividas. Nessa perspectiva, compreende-se a hesitação de alguns *ex-Sonderkommandos* de relatarem o que viram após a libertação do campo como um temor de que suas narrativas fossem vistas como exageradas ou fantasiosas. O que de fato acabou acontecendo, sendo possível constatar no testemunho de Shlomo Venezia:

[...] pois as pessoas não queriam ouvir falar disso, não queriam acreditar. Eu não me negava a falar. Quando saí do hospital, encontrei um judeu e comecei a falar. De repente, me dei conta de que, em vez de me olhar, estava olhando para além de mim, para alguém que lhe fazia sinais. Me virei e surpreendi um amigo seu, gesticulando para avisar que eu era completamente louco. Parei e, a partir disso, não voltei mais a falar nesse assunto. Para mim era um sofrimento falar, então, quando eu me via cara a cara com aquelas pessoas que não acreditavam, dizia a mim mesmo que era inútil insistir. (VENEZIA, 2010, p. 173.)

A literatura de cunho testemunhal é geralmente caracterizada pela narração de acontecimentos catastróficos, como guerras e genocídios, por pessoas que presenciaram e buscaram representar tais episódios históricos. Desse modo, essa narrativa é muitas vezes acompanhada de uma linguagem traumática e dolorosa da vítima. Giorgio Agamben (2008, p.25) afirma que “no campo de concentração, uma das razões que podem impelir um deportado a sobreviver consiste em tornar-se uma testemunha.” Nesse sentido, entende-se que uma das motivações das vítimas do Holocausto a resistirem, foi o desejo de vingança, de sobreviver para dar seus testemunhos e assim, denunciar os horrores sofridos nos campos de concentração, tendo em vista a assídua tentativa dos alemães de apagamento dos vestígios de seus crimes. Dessa forma, é possível compreender que apesar do medo de serem desacreditados ou até mesmo vistos como loucos, as vítimas dos campos de concentração e sobretudo as que compuseram o Esquadrão Especial, sabiam que seus relatos e testemunhos seriam essenciais para que as atrocidades cometidas pelos nazistas se tornassem conhecidas pelas gerações futuras, e dessa forma, não fossem esquecidas.

Nesse sentido, Primo Levi (2004) nos diz que o material mais consistente para a

reconstrução da verdade sobre os campos é constituído pelas memórias dos sobreviventes. Memórias estas que foram alvo de diversas tentativas de apagamento, conforme constatamos ao analisarmos os métodos de extermínio e ocultação das provas empregado pelos nazistas em Auschwitz, posto que o ofício atribuído à unidade do *Sonderkommando* era exclusivamente voltado à eliminação de restos mortais das vítimas, e ao se livrarem até das cinzas dos corpos que eram cremados, encobriam os rastros de qualquer crime ou assassinato cometido. Assim, em conformidade com Márcio Seligmann-Silva (2009), uma das intenções daquele regime era a de impedir a construção de uma memória do genocídio judeu, e entendemos que tal intenção foi materializada na criação do *Sonderkommando*. De acordo com Pavel Polian (2019), a cremação dos cadáveres não visava apenas encobrir o genocídio dos alemães contra os judeus da Europa, mas também apagar a existência histórica das vítimas.

Gideon Greif (2005) afirma que os homens do Esquadrão Especial também partilhavam do desejo de testemunhar, de poder um dia revelar os delitos cometidos contra seu povo. Um de seus entrevistados, o grego *Josef Sackar*¹², ao ser questionado sobre o que o teria ajudado a suportar tudo, responde:

A vontade de viver, para poder contar às gerações futuras, para que a verdade viesse à tona. Por um lado, fujo da necessidade de contá-la, mas por outro lado, o mundo inteiro tem que ouvir esta história. Caso contrário, pensarão que o Holocausto nunca aconteceu.” (GREIF, 2005, p.121).

Diante do exposto, entendemos que obras de memória e testemunho são de extrema importância para a historiografia da *Shoah*, posto que dessa forma, os sobreviventes lutam contra a tentativa de apagamento da memória do genocídio judeu nos campos de concentração arquitetado pelos alemães, que sobretudo com o recurso às câmaras de gás e aos crematórios, tentaram arrancar essa página da história. (SELIGMANN-SILVA, 2000). Nesse sentido, Pollak (1989) nos diz que a memória é um campo político que está constantemente em disputa. Assim, compreende-se que o testemunho compõe uma batalha empreendida pelos sobreviventes da *Shoah* a fim de que suas narrativas sejam ouvidas, que a História ocorrida nos campos de concentração seja contada a partir de suas próprias experiências.

Por terem sido obrigados a atuar lado a lado com os guardas no campo desde o

¹² *Josef Sackar* foi o primeiro *Sonderkommando* a ser entrevistado pelo historiador Gideon Greif, em 1986, descrito por ele como um homem simpático e humilde. *Josef Sackar* foi um judeu grego que compôs o *Sonderkommando* de Auschwitz por sete meses, de maio de 1944 à janeiro de 1945. Costumava atuar na sala de despir as vítimas recém chegadas ao *lager*.

recebimento de novos prisioneiros, até a remoção e cremação de seus corpos, esses homens eram, como os próprios guardas os chamavam: “portadores de segredos”. A figura do *Sonderkommando* materializava a necessidade dos nazistas de apagamento da memória do Holocausto. Entretanto, eram testemunhas-chaves do que acontecia no campo e por isso, suas memórias também deveriam ser apagadas. Assim, ficavam em galpões separados, para que não transmitissem o que sabiam aos demais prisioneiros, eram também exterminados e substituídos num curto período de tempo. Dessa maneira, eliminava-se qualquer oportunidade de testemunho ou denúncia: “[...] cúmplices dos carrascos contra a própria vontade, os membros do *Sonderkommando* foram quase todos assassinados, como aqueles que eles conduziam às câmaras de gás.” (VENEZIA, 2010, p.10)

Nesse contexto, poucos desses homens sobreviveram, de acordo com Shlomo Venezia (2010), após as inúmeras mortes provocadas pela rebelião de outubro, a qual discutiremos no próximo tópico. No fim de 1944 restavam apenas 198 prisioneiros no *Sonderkommando* e em maio de 1945, no final da guerra, apenas noventa desses homens ainda estavam vivos.

De acordo com Giorgio Agamben (2008), em latim, uma das palavras utilizadas para representar a testemunha é *superstes*. Esse termo indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pôde, portanto, dar testemunho disso. A literatura de cunho testemunhal está relacionada à memória e à História, posto que através das recordações de suas experiências no *lager*, os sobreviventes foram capazes de, posteriormente, narrar seus testemunhos e por meio deles, contribuir com os historiadores na reconstrução da memória da *Shoah*, afinal, de acordo com Patricia dos Santos Müller (2021), através do relato é possível presenciar os acontecimentos.

O ato de testemunhar, por meio de uma narrativa, possui valor documental, sendo, portanto, a um só tempo, uma construção literária e historiográfica. Os escritos autobiográficos refazem a história das deportações e dos campos de concentração da Alemanha nazista, mostrando como os sobreviventes abordam os episódios vividos naquela época. À História cabe, portanto, recuperar as memórias, os fragmentos individuais e os demais rastros do nazismo e, por meio da construção narrativa, tornar as informações compreensíveis, superando, assim, a barreira do intangível. (MÜLLER, 2021).

Nesse sentido, Paul Ricoeur (2007) afirma que:

Com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental [...] o testemunho tem várias utilidades: o arquivamento em vista

da consulta por historiadores é somente uma delas [...] no próprio interior da esfera histórica o testemunho não encerra sua trajetória com a constituição dos arquivos, ele ressurgue no fim do percurso epistemológico no nível da representação do passado por narrativas, artifícios retóricos, colocação em imagens. (RICOEUR, 2007, p.170).

Assim sendo, apesar das discussões existentes sobre as possíveis imprecisões da memória das vítimas da *Shoah*, elencadas nos estudos de autores como Marcos Guterman (2020) por exemplo, nesta pesquisa entendemos que o testemunho torna-se para o historiador uma prova documental, posto que por meio da narrativa, um acontecimento passado pode ser reconstituído, e de acordo com Patricia dos Santos Müller (2021), só depois do fim da guerra que o Holocausto foi conhecido em sua totalidade, quando os homens e mulheres que sobreviveram contaram suas perdas, as violências sofridas e os abusos cometidos. A história da Segunda Guerra e do regime de Hitler ganhou contornos mais esclarecedores e estarrecedores. Além disso, em conformidade com Moacyr Scliar (2007) através das narrativas é que este fato histórico continua a repercutir e a provocar ondas de choque emocionais através das gerações futuras.

Outrossim, para além de contarem suas experiências a fim de conscientizar as futuras gerações sobre o ocorrido nos campos, através da análise dos relatos compreendemos que alguns sobreviventes desejavam testemunhar também em nome daqueles que perderam a vida no campo, como destaca Primo Levi (2004, p.73):

Nós tocados pela sorte, tentamos narrar com maior ou menor sabedoria não só nosso destino, mas também aquele dos outros, dos que submergiram [...] Eu não saberia dizer se o fizemos, ou o fazemos, por uma espécie de obrigação moral para com os emudecidos, ou, então, para nos livrarmos de sua memória: com certeza o fazemos por um impulso forte e duradouro.

Nessa perspectiva, alcançamos a chamada “culpa do sobrevivente”, que recorrentemente se externa nos relatos testemunhais, e que dessa forma, torna a carga da narrativa pesada. Entende-se que é o sentimento de que as pessoas mortas deveriam estar vivas no lugar das que sobreviveram, e que estas, devem honrar suas memórias através dos testemunhos. Devido a esse sentimento, conforme Jéssica de Andrade Espindula (2015), houve muitos suicídios¹³ após a libertação de Auschwitz.

Ademais, é sabido que estando próximo o fim da guerra contra os Aliados¹⁴, os

¹³ Inclusive, há uma polêmica em torno da morte de Primo Levi em 1987. Pois, apesar do laudo oficial constatar que o autor faleceu devido a uma queda do terceiro andar do prédio em que morava na Itália, existem teorias e dúvidas se se tratou realmente de um acidente, ou se foi suicídio.

¹⁴ Os Aliados eram a aliança militar composta pela Inglaterra, França, Estados Unidos, União Soviética e

nazistas tentaram eliminar o máximo de vestígios possíveis dos *lagers*. Visaram apagar provas materiais como as câmaras de gás e os crematórios que foram explodidos, além de inúmeros arquivos oficiais que acabaram sendo destruídos (BERGAMIN, 2017). Entretanto, entendemos que a maior tentativa de apagamento foi empreendida contra as provas vivas: os prisioneiros do campo, que em meio à chegada das tropas inimigas, foram submetidos à chamada “marcha da morte¹⁵”. Incluindo alguns prisioneiros do *Sonderkommando*, que, contrariando o desejo da SS, conseguiram sobreviver e, contaram ao mundo os detalhes do mecanismo do plano de extermínio, sobretudo, do povo judeu.

Diante dessas breves considerações acerca da relação da memória e testemunho, é possível compreender que as obras de memória e de cunho testemunhal, sobretudo de ex-*Sonderkommandos*, contribuem significativamente para uma análise mais aprofundada dos mecanismos de funcionamento da *Shoah*. No tópico a seguir, nos debruçaremos sobre o tipo de atividade que esses sujeitos realizavam e os desdobramentos da rebelião que empreenderam contra os nazistas, no ano de 1944.

3. O TRABALHO, A REVOLTA

Diante do que foi exposto até aqui, devemos lembrar que Auschwitz também explorava a mão de obra dos seus internos. A priori, cabe destacar que os prisioneiros chegavam ao *lager* em grandes trens de gado que frequentemente atravessavam a Europa, pois, este campo recebia judeus de várias nações como Itália, Holanda e Áustria, por exemplo. As condições nessas viagens eram precárias, posto que de acordo com Eva Schloss (2018), as pessoas passavam dias aglomeradas, com água e comida insuficientes, e a maioria acabava por sucumbir ainda no caminho.

Ao chegar em Auschwitz, os trens esvaziavam-se e a multidão era selecionada: mulheres grávidas, crianças, idosos e doentes eram colocados à esquerda. Considerados “inaptos” à vida no campo, tinham a câmara de gás como destino imediato. Os que

outros países na Segunda Grande Guerra em detrimento do Eixo, composto pela Alemanha, Itália e Japão.

¹⁵ Os prisioneiros chamavam de “marchas da morte” as longas caminhadas que os nazistas os obrigavam a fazer durante a evacuação de um campo para outro, de Auschwitz para Mauthausen, por exemplo. Ocorria quando as tropas inimigas estavam perto, e tornaram-se mais frequentes no inverno de 1944-1945, quando a guerra já caminhava para o fim. Os prisioneiros marchavam por dias no frio, com fome e sede, eram rigorosamente escoltados pela SS e seus cães, e caso não acompanhassem o ritmo dos demais, eram executados a tiros e seus corpos jogados nos barrancos das estradas ou simplesmente deixados para trás. Recebia esse nome porque fracos pela péssima condição a qual estavam submetidos nos campos, muitos morriam antes mesmo de completar o trajeto.

ficavam à direita eram designados ao trabalho, geralmente aqueles que apresentavam uma aparência mais forte e saudável, homens e mulheres adultos.

Os que permaneciam no *lager* eram tatuados com um número de identificação no braço. Segundo Shlomo Venezia (2010), Auschwitz foi o único campo que tatuou seus internos. Os cabelos eram raspados a fim de evitar proliferação de piolhos, recebiam os famosos uniformes listrados e sapatos de madeira, além de uma tigela para a alimentação, a qual segundo relatos, muitos acabavam usando para fazerem suas necessidades fisiológicas.

No tocante aos trabalhos exercidos no campo, a mão de obra dos prisioneiros era aproveitada em diversas tarefas destinadas a gerar lucro ao *Reich*, tarefas estas que não deixavam de ser também uma lenta forma de extermínio, diante das péssimas condições em que eram submetidos, como a falta de higiene, a fome, e doenças como tifo¹⁶ e tuberculose. De acordo com Jéssica de Andrade Espindula (2015), os trabalhadores eram selecionados conforme as suas profissões antes de entrarem no campo e, assim, médicos, cabeleireiros, e dentistas, por exemplo, recebiam tarefas parecidas com as que exerciam em seus antigos trabalhos. Além disso, havia funções mais básicas em prol da manutenção do campo, como a limpeza de latrinas e a distribuição de alimentos. Segundo Eva Schloss (2018), as ocupações mais manuais como a lavagem de roupas, a produção de munições alemãs e a separação de roupas nos armazéns, eram destinadas às mulheres.

Sabe-se que ao *Sonderkommando* era confiada a gestão das câmaras de gás e dos fornos crematórios. Testemunhas cruciais dos assassinatos, a importância de suas memórias e narrativas já foi discutida e, cabe agora, através delas, analisarmos os detalhes desse ofício ao qual foram submetidos.

Entrevistado pela jornalista francesa Béatrice Prasquier, Shlomo Venezia detalhou o que viu e viveu durante o período que integrou o *Sonderkommando* de Auschwitz. Seu depoimento foi transcrito e encontra-se na obra *Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás* (2007), traduzida para o português em 2010. Venezia descreve como funcionava o assassinato nas câmaras de gás:

Cada vez que um novo comboio chegava, as pessoas entravam pelo grande

¹⁶ Doença infecciosa transmitida por uma bactéria presente nas fezes do piolho do corpo humano, a *Rickettsia prowazekii*. Combinada com a fome, a doença foi responsável pela morte de muitos prisioneiros. Eva Schloss (2018), em sua obra, conta que por um milagre conseguiu resistir à doença, contraída em Auschwitz. Não foi o mesmo destino de Anne Frank, por exemplo, que morreu de tifo no campo de Bergen-Belsen, na Alemanha, em 1945, com apenas 15 anos.

portão do crematório e eram conduzidas até a escada subterrânea, que levava à sala que se despiam. [...] Após a seleção na rampa, as mulheres, as crianças e os idosos eram os primeiros a serem enviados. Depois vinham os homens. Na sala de se despir havia ao longo do muro ganchos numerados para pendurar as roupas, assim como tábuas de madeiras nas quais as pessoas podiam se sentar para se despir. Para melhor enganá-las, os alemães diziam que guardassem bem o número, para que pudessem encontrar seus pertences com mais facilidade ao voltar do banho. [...] Tais instruções geralmente eram dadas pelo SS que estivesse de guarda, mas acontecia de alguém do Sonderkommando que eventualmente falasse a língua dos deportados transmitir as instruções. [...] Finalmente o alemão que trazia o gás chegava. Ele chamava dois prisioneiros do Sonderkommando para retirar o tampo externo, no alto da câmara de gás, e introduzia o zyklon B pela abertura. A tampa era de cimento, muito pesada. O alemão de forma alguma se daria o trabalho de erguê-la, e dois de nós precisavam juntar forças para conseguir [...] Uma vez lançado o gás, as coisas duravam dez ou 12 minutos e, finalmente, não se ouvia mais barulho algum, nenhuma viva-voz. Um alemão verificava se estavam todos bem mortos, olhando pela janelinha de vidro da pesada porta [...] (VENEZIA, 2010, p.86)

Diante deste relato, é possível compreender as câmaras de gás como a materialização da estratégia nazista do extermínio em massa. O recurso escolhido para “acelerar” as mortes foi o inseticida *Zyklon B*, que ao entrar em contato com as partículas do ar, era capaz de intoxicar centenas de indivíduos em poucos minutos. Em vista disso, Roney Cytrynowicz (1995) enfatiza que dessa forma, matava-se o maior número de pessoas com a máxima economia de recursos. Além disso, as câmaras de gás expressavam a ideia de eliminar todo um povo sem que se ouvissem suas súplicas e gritos, sem que se registrassem seus nomes e seus rostos, tornavam-se assim, cadáveres anônimos, cujo único nome e sentença de morte era “judeu”.

A partir disso, Shlomo Venezia narra como agiam os *Sonderkommandos*:

Depois, podíamos enfim começar a extrair os cadáveres da câmara de gás. [...] Depois de termos cortado os cabelos e retirado os dentes de ouro, duas pessoas vinham buscar os corpos e os colocava no monta-cargas que os subia ao andar térreo do prédio, para os fornos crematórios. [...] De acordo com o tamanho - se eram grandes ou pequenas, gordas ou magras -, de sete a dez pessoas eram colocadas no monta-cargas. No andar de cima, duas pessoas retiravam os corpos e mandavam de volta o elevador. [...] Os corpos depois eram puxados e dispostos diante de fornos, de dois em dois. Diante de cada abertura, três homens trabalhavam enforando os cadáveres. Os corpos eram colocados sobre uma espécie de maca em posições invertidas, cabeça de um nos pés do outro. Dois homens, um em cada ponta da maca, a erguiam com o apoio de um pedaço comprido de pau sob a maca. O terceiro prisioneiro, diante do forno, segurava os cabos que o ajudavam a enforar a maca. Ele devia fazer os corpos escorregarem e retirar a maca rapidamente, antes que o ferro ficasse quente demais [...] (VENEZIA, 2010, p. 86-89).

Nessa perspectiva, entende-se que se de um lado as câmaras de gás supriam a necessidade nazista de matar rapidamente mais pessoas, por outro, o *Sonderkommando* responsabilizava-se por camuflar essas mortes.

Ademais, cabe destacar que esse Esquadrão se dividia em grupos que realizavam

tarefas distintas: um grupo era responsável por receber os prisioneiros recém-chegados e os acompanhar até a sala de despir, orientando-os até entrarem na câmara de gás; “os barbeiros” - onde atuava Shlomo Venezia -, cortavam os cabelos dos cadáveres; os “dentistas”, como Leo Cohen, procuravam e extraíam seus dentes de ouro, além de algum outro objeto de valor que pudesse ser encontrado nos orifícios dos corpos. Os dentes de ouro eram derretidos e fundidos em barras, enviadas para a Alemanha, segundo Eva Schloss (2018). Já os “queimadores”, eram encarregados dos fornos crematórios.

Shaul Chazan, ao ser questionado por Gideon Greif (2005) sobre como se sentia ao ver os cadáveres, responde que havia perdido seu lado humano. De maneira análoga, Leo Cohen, que atuava no grupo dos “dentistas”, conta que agia como “robô”. Para Béatrice Prasquier, Shlomo Venezia afirmou que não podia raciocinar e pensar no que ocorria, os *Sonderkommandos* tornavam-se então autômatos, pessoas que agiam como máquinas, sem questionar, apenas cumpriam ordens.

Dessa forma, é possível pensar na desumanização desses agentes históricos, dos quais era de responsabilidade vasculhar os cadáveres de parentes e amigos, a fim de encontrar bens ocultos que pudessem gerar lucros ao regime que, acima de tudo, visava aniquilar seu próprio povo. Nesse sentido, a humanidade e os sentimentos desses prisioneiros eram deixados de lado, assumiam a única função de enxergar a pilha de corpos à sua frente como fontes de lucro para a Alemanha.

Além disso, entendemos que a política de desumanização da comunidade judaica sustentava-se nas inúmeras propagandas antissemitas do regime nazista, que, em concordância com Eliel Queres Santana (2022), os refutava como membros integrantes da nação e como seres humanos propriamente ditos. Nesse sentido, eram corriqueiras as publicações nos meios de comunicação que os associavam a animais¹⁷, como parasitas, ratos e porcos, por exemplo.

O recrutamento dos homens designados a compor o Esquadrão Especial de Auschwitz é discutido por Primo Levi (2004, p.44):

Num primeiro momento, eles eram escolhidos pelos SS entre os prisioneiros já presentes no Lager, e há testemunho de que a escolha se dava não só com base no vigor físico mas também no estudo aprofundado das fisionomias. Em alguns casos raros, o alistamento aconteceu por punição. Mais tarde,

¹⁷ Em relação a essa “animalização” dos judeus, Art Spiegelman escreveu o livro *Maus* (1986), onde através de uma história em quadrinhos retrata a experiência vivida por seu pai *Vladek Spiegelman*, sobrevivente de Auschwitz. Os personagens do livro são retratados como animais, os judeus aparecem como ratos e os alemães como gatos, por exemplo.

preferiu-se buscar os candidatos diretamente nas plataformas ferroviárias, à chegada de cada comboio: os “psicólogos” dos SS se haviam dado conta de que o recrutamento era mais fácil se tivesse como alvo aquela gente desesperada e desorientada, enervada pela viagem, carente de resistências, no momento crucial do desembarque do trem, quando verdadeiramente todo recém-chegado se sentia à beira da escuridão e do terror de um espaço não terrestre.

Em vista disso, Felipe Onisto (2015) pondera que os prisioneiros do *Sonderkommando* eram eleitos por uma separação rigorosa e muitos não imaginavam a função que desempenhariam. Assim, entende-se que a SS recrutava entre os homens chegados no *lager* os que visivelmente aparentavam ser mais fortes e saudáveis, levando em consideração o árduo trabalho que exerceriam, manuseando diariamente inúmeras pilhas de cadáveres.

Além disso, semelhante aos *Kapos*, os membros do *Sonderkommando* também recebiam benefícios como uma maior quantidade de comida, roupas e sapatos melhores, além de que por ficarem isolados dos demais, tinham um pouco mais de conforto nos dormitórios, como pondera Shlomo Venezia (2010, p.120): “Nós, no *Sonderkommando*, tínhamos provavelmente melhores condições de sobrevivência no dia a dia; passávamos menos frio, tínhamos mais o que comer [...]”. Conforme o testemunho de *Josef Sackar* ao historiador Gideon Greif (1951), esses prisioneiros também vestiam-se diferente dos demais: “Usávamos roupas comuns, roupas civis. [...] Tinham uma cruz vermelha nas costas e na frente o nosso número de prisioneiro” (GREIF, 2005, p.106). Por terem esses benefícios, juntamente com os *Kapos*, faziam parte da chamada “Zona Cinzenta”, discutida por Primo Levi (2004) como o espaço nos campos de concentração ocupado pelos prisioneiros-funcionários, que por de alguma maneira colaborarem com o funcionamento do sistema nazista, recebiam certos privilégios, e assim, prisioneiros e algozes misturavam-se. Desse modo, compreendemos o *Sonderkommando* como uma unidade de trabalho que concretizava o ideal nazista de exterminar seus inimigos sem que houvesse vestígios, e por isso, seu trabalho no campo era “recompensado” com um pouco mais de conforto e comida.

Entretanto, é importante ressaltar que embora fossem prisioneiros-funcionários, para Primo Levi (2004) o *Sonderkommando* foi um caso-limite de colaboração, posto o terrível trabalho ao qual eram designados: “Aqui hesito em falar de privilégio: quem deles fazia parte só era privilegiado na medida em que (e com que custo!) por alguns meses comia suficientemente, não decerto porque pudesse ser invejado.” (LEVI, 2004, p.42).

Por ocuparem esse papel de apagadores das atrocidades nazistas, esses homens enxergavam a morte como um destino imutável. Dessa forma, alguns destes escreveram clandestinamente seus testemunhos e os enterraram no solo do campo, próximo aos crematórios que atuavam, com o intuito de que fossem encontrados e lidos posteriormente. Os escritos dos judeus *Marcel Nadjari*, *Salmen Gradowski*, *Lejb Langfuss*, *Salmen Lewenthal* e *Herman Strasfogel* foram encontrados entre 1945 e 1980, devido à escavações realizadas por alguns poloneses moradores dos arredores de Oświęcim que buscavam “tesouros”, objetos como próteses, dentes de ouro, roupas e brinquedos abandonados em Auschwitz. Assim, os textos foram sendo encontrados, como o de *Zalmen Gradowski*, achado em março de 1945, o de *Marcel Nadjari* em outubro de 1980, por exemplo. Como já citado, tais testemunhos estão reunidos na edição alemã do livro *Briefe Aus der Hölle: Die Aufzeichnungen des Jüdischen Sonderkommandos Auschwitz* (2019), uma de nossas fontes privilegiadas.

Cabe destacar que além de relatarem sua rotina na operação das câmaras de gás, estes escritos nos dão detalhes de como ocorreu, de acordo com Gideon Greif (2005), a única demonstração de resistência armada na história de Auschwitz: a revolta do *Sonderkommando*.

O levante ocorreu em sete de outubro de 1944, quando, segundo Eva Schloss (2018, p.155):

[...] centenas de Sonderkommandos lideraram uma insurreição contra a SS. Eles lutaram contra os nazistas, matando vários guardas e fugindo para aldeias vizinhas. Os Sonderkommandos tinham percebido que eram testemunhas-chaves das atrocidades que tinham acontecido, e que estavam prestes a serem transferidos do campo para serem assassinados.

Conforme Gideon Greif (2005), estes atacaram alguns homens da SS no pátio do Crematório III usando martelos, pedras, machadinhas e estacas de metal e detonando granadas de mão que haviam sido confeccionadas anteriormente com a ajuda de *Róza Robota*, *Ella Gärtner*, *Ester Wajcblum* e *Regina Safirsztajn*¹⁸, que trabalhavam no departamento “Canadá” e, segundo Pavel Polian (2019), desviavam pólvoras para os homens do *Sonderkommando* em sacos secretos costurados na bainha de suas saias. Conseguiram matar três guardas, entre eles *Rudolf Erler*, *Josef Purke* e *Willi Freese*, além de ferirem muitos outros. Muitos dos internos correram em direção à floresta, enquanto outros foram para ao Crematório VI e, com as granadas de mão e ateando fogo

¹⁸ De acordo com Shlomo Venezia (2010), por terem colaborado com o levante, essas mulheres acabaram sendo enforcadas publicamente pelos nazistas.

em colchões, conseguiram explodir esse crematório. Shlomo Dragon, um dos entrevistados de Gideon Greif (2005), escondeu as granadas por dias em seu colchão antes da revolta. Seu irmão, Abraham Dragon, relata:

Lembro-me que a revolta eclodiu depois que foi dada uma ordem para fazer uma seleção para cem homens do Sonderkommando [...] Alguns de nós estávamos armados com armas como postes de ferro e facas, sabíamos que não tínhamos nada a perder e que havia chegado a hora de agir. Vários de nós saltamos sobre os homens da SS e espancamos-os. Começamos a fugir quando o inferno começou, não sabíamos exatamente para onde nos virar, o principal era sair. Os alemães começaram a atirar contra nós e atingiram vários de nós, continuamos a correr [...] (GREIF, 2005, p.172).

Ao analisar essa revolta, é possível entendermos o papel histórico dos *Sonderkommandos* como vítimas não passivas da *Shoah*, levando em consideração a organização e a cooperação desses homens em prol de uma tentativa de libertação, de explodir os crematórios dos quais assistiam diariamente seu povo queimar. Com a colaboração dos prisioneiros de outros departamentos, como as mulheres do “Canadá” acima citadas, uniram-se numa resistência à opressão que lhes era imposta, lutaram mesmo sabendo que a consequência indubitável desse ato, seria a morte. Pavel Polian (2019) nos diz que também houve tentativas de revoltas em outros campos de extermínio, como Treblinka e Sobibor, por exemplo. Entretanto, Cristiano Guedes Pinheiro (2010) pondera que as rebeliões e guerrilha que aconteceram cumpriram um papel pouco significativo na história do Holocausto, posto que no quadro geral da Solução Final, elas não conseguiram frear o genocídio, já que em represália, os alemães assassinavam ainda mais judeus.

Em vista disso, a revolta do *Sonderkommando* foi severamente reprimida pela SS. Segundo Gideon Greif (2005), foram mortos 451 prisioneiros pela SS no decorrer do levante, incluindo *Salmen Gradowski* e *Lejb Langfuss*, dois dos que enterraram seus testemunhos no solo do campo.

A revolta do Sonderkommando terminou em fracasso, nenhuma força externa veio em auxílio dos prisioneiros que se levantaram, e as massas de prisioneiros no campo não aderiram à sua luta. No entanto, o dia da revolta do Sonderkommando tornou-se um símbolo de vingança e encorajamento para os prisioneiros, em um lugar que durante anos foi um vale de matança para milhares e milhares de vítimas... Estes foram judeus que lutaram. (GREIF, 2005, p.46).

Diante do exposto, compreendemos que apesar da retaliação nazista resultar no assassinato de mais de 400 de seus componentes, este Esquadrão tentou resistir, lutar por suas vidas e pelas vidas daqueles que assistiam padecer nas câmaras de gás, e que ainda mais, eram obrigados a esconder seus restos mortais, para que, além de tudo, seus

algozes fossem “desculpabilizados” da aniquilação que perpetuavam. Dessa forma, analisamos a história da *Shoah* com a percepção de que os *Sonderkommandos* foram coagidos a colaborar no funcionamento do plano de extermínio nazista, entretanto, buscaram reagir, não foram vítimas totalmente passivas de seus carrascos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, o presente estudo teve o objetivo de trabalhar o *Sonderkommando* de Auschwitz-Birkenau através das memórias e testemunhos orais e/ou escritos de judeus que o compuseram. Nessa perspectiva, as obras *Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás* (2010); *We wept without tears: testimonies of the Jewish Sonderkommando from Auschwitz* (2005); e *Briefe Aus der Hölle: Die Aufzeichnungen des Jüdischen Sonderkommandos Auschwitz* (2019) se mostraram fontes úteis e passíveis de colaboração para a historiografia da *Shoah*. Os testemunhos contidos nesses livros nos ofereceram subsídios para compreender a essência do ofício executado pelos judeus nessa controversa unidade de trabalho de Auschwitz.

Conforme consideramos na nossa hipótese, foi possível constatar que os principais testemunhos dos judeus que integraram os *Sonderkommando* de Auschwitz-Birkenau nos dizem que estes homens atuavam como agentes apagadores de uma futura memória da *Shoah*, ao levarmos em consideração que através do fornos crematórios eliminavam os vestígios dos crimes cometidos sobretudo contra sua própria etnia, se livravam dos restos mortais das principais provas das atrocidades nazistas: suas próprias vítimas.

5. REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha.** (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.
- BERGAMIM, Evelyn Reis. **AUSCHWITZ E TREBLINKA: O COTIDIANO DA MORTE NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E EXTERMÍNIO SOB DOMÍNIO NAZISTA.** Anais dos Encontros Internacionais UFES/PARIS-EST, 2017.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Auschwitz e o turismo da memória.** Revista USP, n. 26, p. 148-153, 1995.
- DANZINGER, Leila. **Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes.** Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, v. 1, n. 1, p. 50-58, 2007.

ESPINDULA, Jéssica de Andrade. **O TRABALHO E A MORTE EM AUSCHWITZ**. Anais dos Encontros Internacionais UFES/PARIS-EST, 2015.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. **Imagens da Catástrofe**. Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, v. 9, n. 3, p. 21-42, 2021.

GERBER, Keilah. **Primo Levi, os entretons da zona cinzenta e o Sonderkommando**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, v. 16, n. 30, p. 52-68, 2022.

GUTERMAN, Marcos. **Holocausto e memória**. Editora Contexto, 2020.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

HOESS, Rudolf. **Commandant of Auschwitz: the autobiography of Rudolf Hoess**. Editora General Press, 2023.

JOUTARD, Philippe. **Reconciliar história e memória?**. 2007.

KONIG, Nanette Blitz. **Eu sobrevivi ao Holocausto**. Universo dos Livros Editora, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Editora Rocco, 1988.

_____. **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

MÜLLER, Patricia dos Santos. *et al.* **Arbeit Macht Frei (in Erinnerung An): a literatura de testemunho e a construção da memória do Holocausto**. 2021.

OLIVEIRA, Lucas Amaral. **Quem fala por meio do testemunho? Alguns apontamentos teórico-metodológicos sobre a escrita testemunhal a partir da literatura de Primo Levi**. Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social: ReLMIS, n. 5, p. 42-55, 2013.

ONISTO, Felipe. **Testemunhar o intestemunhável-o indelével do muselmann**. Revista Espaço Acadêmico, v. 14, n. 164, p. 57-69, 2015.

PINHEIRO, Cristiano Guedes. **Holocausto: outros lugares de resistência**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, v. 4, n. 6, p. 27-42, 2010.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTANA, Eliel Queres. **DESUMANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE O CAMPO DE EXTERMÍNIO DE AUSCHWITZ A PARTIR DO TESTEMUNHO DE SOBREVIVENTES**. 2022.

SCHLOSS, Eva. **Depois de Auschwitz: a história real e emocionante da meia-irmã de Anne Frank que sobreviveu ao Holocausto** / Eva Schloss; tradução de Amanda Moura. São Paulo: Universo dos Livros, 2018.

SCHURSTER, Karl; Leite, Alana de Moraes. **Disputas Historiográficas acerca do Nazismo e do Holocausto**. Locus: Revista de História, 26, n. 2 (2020): 386-406.
SCLIAR, Moacyr. **A culpa do sobrevivente**. Arquivo Maaravi, v. 1, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Auschwitz: história e memória**. Pro-posições, v. 11, n. 2, p. 78-87, 2000.

_____. "Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas." *Psicologia clínica* 20 (2008): 65-82

_____. **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

_____. **Testemunho da Shoah e literatura**. X Jornada Interdisciplinar sobre o Ensino da História do Holocausto, São Paulo, 2009.

_____. **Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 30, 2005.

SOUSA, Nayara Caroline de; OLIVEIRA, Custódia Annunziata Spencieri de. **Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história-passado no presente**. Revista Coralina (ISSN 2675-1399), v. 4, n. 1, p. 222-247, 2022.

SUSIGAN, Cristina. **A trans-memória das imagens, sentir o tempo e inquietar-se: o caso Sonderkommando**. Domínios da Imagem, v. 12, n. 22, p. 115-126, 2018.

VIANNA, Glaucia Regina. **Narradores melancólicos: literatura testemunhal e a construção de uma memória**. Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social, v. 7, n. 13, 2008.

6. FONTES

GREIF, Gideon. *We wept without tears: testimonies of the Jewish Sonderkommando from Auschwitz*. EUA: Yale University and The Sue and Leonard Miller Center for Contemporary Judaic Studies at the University of Miami, 2005.

POLIAN, Pavel. *Briefe Aus der Hölle: Die Aufzeichnungen des Jüdischen Sonderkommandos Auschwitz*. German: Wbg Theiss in Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2019.

VENEZIA, Shlomo. **Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás**. Trad. Jorge Bastos. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.